



miguilim

revista eletrônica do netlli

volume 8, número 2, maio-ago. 2019

VOZES FEMININAS DA AMÉRICA: A POÉTICA SOCIAL DE GABRIELA MISTRAL E MARIA FIRMINA DOS REIS



WOMEN'S VOICES OF AMERICA: THE SOCIAL POETIC OF GABRIELA MISTRAL AND MARIA FIRMINA DOS REIS

Michelly Cristina Alves LOPES
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Patrícia Rosicleia da Silva SODRÉ
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Maria Mirtis CASER
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)
RECEBIDO EM 11/04/2019 • APROVADO EM 19/11/2019

Resumo

Por muito tempo, apenas os homens brancos, reconhecidos socialmente, tiveram espaço na Literatura produzida na América Latina, tanto como escritores quanto como leitores. Essa realidade passa a se modificar a partir do momento em que autoras, através de seus escritos, alcançam notoriedade no universo literário, a exemplo de Maria Firmina dos Reis, que começa

a produzir e publicar no Brasil no século XIX, sendo considerada a primeira romancista a escrever uma obra com viés abolicionista no país. O mesmo ocorre, no início do XX, em terras andinas, com a chilena Gabriela Mistral, que passa a publicar sua poesia carregada de sentimentos e criticidade como forma de protesto contra o sistema político e capitalista de seu país e, como resultado da força de seus escritos, é contemplada com o primeiro Nobel de Literatura na América Latina. As obras dessas escritoras desnudam suas histórias e vivências no continente e lhe servem como instrumento de crítica e emancipação social, em defesa do africano escravizado no Brasil, do povo campestre e indígena do Chile, assim como das mulheres dos dois países. Por meio da consciência crítica, as autoras utilizam a composição literária para expressar seu posicionamento diante da condição precária dos povos de sua terra natal, o que chama atenção pela sua postura em uma época em que não havia espaço para a voz feminina. Para fundamentar o contexto histórico e cultural, em especial no que diz respeito à inserção da mulher no mundo das letras e na sociedade latino-americana do fim do século XIX ao início do século XX, recorre-se a alguns críticos literários como ponto de partida para o embasamento do trabalho, entre os quais estão Bella Jozef (1982), Jaime Quezada (1994), Regina Dalcastagnè (2012), assim como os pressupostos teóricos da crítica feminista, tais como: Luiza Lobo (1993) e Djamila Ribeiro (2017).

Abstract

For a long time, only the white men, socially recognized, had space in Literature produced in Latin America, as much as writers as readers. This reality begins to change from the moment in which authors, through their works, reach notoriety in the literary universe, like Maria Firmina dos Reis, who begins to produce and publish in Brazil in the 19th century, being considered the first novelist to write a work with abolitionist bias in the country. At the beginning of the 20th century, in the Andean lands, Gabriela Mistral, a Chilean writer, began to publish her poetic work loaded with feelings and criticism as a form of protest against the political and capitalist system of her country and, as a result of the force of his writings, he becomes the first person to win the Nobel Prize for Literature in Latin America. The works of these writers undress their stories and experiences on the continent and serve as an instrument of criticism and social emancipation, in defense of the African enslaved in Brazil, the peasant and indigenous Chilean people, as well as women. Through critical awareness, the authors use the literary composition to express their position in the face of the precarious condition of the people of their native land, which draws attention to their position as a woman in a time when there was no room for the female voice. In order to justify the historical and cultural context, especially with regard to the insertion of women into the world of letters and Latin American society from the end of the nineteenth century to the beginning of the twentieth century, we turn to some literary critics as a starting point for and the basis of the work, among them: Bella Jozef (1982), Jaime Quezada (1994), Regina Dalcastagnè (2012), as well as the theoretical assumptions of feminist criticism, such as Luiza Lobo (1993) and Djamila Ribeiro (2017), among others.

Entradas para indexação

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres da América Latina. Literatura de autoria feminina. Interface entre escritoras. Discurso poético.

KEYWORDS: *Women from Latin America. Women's literature. interface between writers. poetic speech.*

Maria Firmina dos Reis e Gabriela Mistral adentraram a esfera intelectual de produção literária na América Latina em uma época em que não havia um cenário propício para a manifestação artística feminina, pois o mundo das Letras estava reservado ao homem, branco da classe média, que detinha o poder do discurso. Com efeito, a literatura de autoria feminina permanecia no apagamento, assim como as manifestações culturais dos grupos minoritários tidas como produções marginais.

Com o advento da crítica literária feminista, marcada por uma trajetória intelectual de luta social e política pela garantia de espaço no cenário da época, muitas vozes se empenharam em resgatar e dar visibilidade às diversas representatividades da mulher na esfera pública, assim como a filósofa e feminista, Djamila Ribeiro que nos recorda a história de uma das intelectuais negras do início do século XIX que demonstrou por meio de sua trajetória de luta e enfrentamento seu desejo de universalização da categoria mulher. Pela voz de Sojourner Truth é possível observarmos o tom de crítica e reivindicação em seu discurso que visava chamar atenção da sociedade da época para as questões da legitimidade dos direitos da mulher, uma vez que era evidente que mesmo no movimento feminista de seu tempo não havia espaço para se pensar e discutir sobre as outras especificidades do gênero, quer seja a cor, a raça, a orientação sexual, entre outras:

Nascida em um cativo em Swartekill, em Nova York, Isabella Baumfree decidiu adotar o nome de Sojourner Truth a partir de 1843, e tornou-se abolicionista afro-americana, escritora ativista dos direitos da mulher. Em decorrência de suas causas, em 1851, participou da Convenção dos Direitos da Mulher, na cidade de Akron, em Ohio, nos EUA, onde apresentou seu discurso mais conhecido denominado *E eu não sou uma mulher?* [...] Esse discurso de Truth, ainda no século XIX, já evidencia um grande dilema que o feminismo hegemônico viria a enfrentar: a universalização da categoria mulher. (RIBEIRO, 2017, p. 21-23).

A partir de seu discurso, Sojourner Truth tece críticas ao movimento feminista da época por não contemplar todas as especificidades da categoria mulher, ou seja, não considerava as “intersecções como raça, orientação sexual, identidade de gênero” (RIBEIRO, 2017, p. 23), ou seja, no caso das mulheres negras, mestiças, indígenas, camponesas, operárias, entre outras não havia espaço nessa pauta de reivindicações.

À vista disso, evidencia que não basta entender o feminismo apenas do ponto de vista da mulher branca de classe média que vive no Primeiro Mundo e, dessa forma, o feminismo negro nasce para “salientar a diversidade de experiências tanto de mulheres quanto de homens e os diferentes pontos de vista possíveis de análise de um fenômeno, bem como marcar o lugar de fala de quem a propõe” (RIBEIRO, 2017, p. 59). Djamila Ribeiro, em seu livro *O que é lugar de fala?*, mostra-nos que

[...] a teoria do ponto de vista feminista precisa ser discutida a partir da localização dos grupos nas relações de poder. Seria preciso entender as categorias de raça, gênero, classe e sexualidade como elementos da estrutura social que emergem como dispositivos fundamentais que favorecem as desigualdades e criam grupos em vez de pensar essas categorias como descritivas da identidade aplicada aos indivíduos (RIBEIRO, 2017, p. 61)

Nesse viés, a partir das ideias defendidas pela crítica literária feminista, acreditamos que dar visibilidade ao discurso dessas duas autoras latino-americanas é garantir o espaço da intelectualidade feminina no universo da literatura. Tanto Maria Firmina dos Reis quanto Gabriela Mistral utilizaram suas expressividades poéticas, enquanto sujeitos de representação, para retratar de forma crítica e questionadora as vivências opressivas e machistas a que foram submetidas.

Do ponto de vista teórico, a literatura de autoria feminina precisa criar, politicamente, um espaço próprio dentro do universo da literatura mundial mais ampla, em que a mulher expresse a sua sensibilidade a partir de um **ponto de vista** e de um **sujeito de representação**, próprios, que sempre constituem um olhar da **diferença** (LOBO, 1993, p. 2, grifo da autora).

No bojo dessas ideias, compartilhamos com os leitores uma amostra da produção poética dessas intelectuais femininas da América Latina, para avivar o interesse por suas obras. Gabriela Mistral, escritora chilena, e Maria Firmina dos Reis, escritora brasileira, ambas nascidas no século XIX, se valeram da palavra para denunciar e criticar as injustiças sociais e as violências sofridas pelos povos marginalizados.

1 Vozes femininas da América Latina

Pode o subalterno falar? [...] A questão da "mulher" parece ser a mais problemática nesse contexto. Evidentemente, se você é pobre, negra e mulher, está envolvida de três maneiras. Se, no entanto, essa formulação é deslocada do contexto do Primeiro Mundo para o contexto pós-colonial (que não é idêntico ao Terceiro Mundo), a condição de ser "negra" ou "de cor" perde o significado persuasivo. A estratificação necessária da constituição do sujeito colonial na primeira fase do imperialismo capitalista torna a categoria "cor" inútil como um signifiicante emancipatório. (SPIVAK, 2010, p. 85).

1.1 Maria Firmina dos Reis

Maria Firmina dos Reis, que nasceu em 1825, em São Luiz e faleceu em 1917, na vila de Guimarães no estado do Maranhão, foi uma mestiça que desafiou a sociedade de seu tempo marcada por ideias abolicionistas. Firmina exerceu o cargo de professora e se dedicou à literatura. No texto “A mente, essa ninguém pode escravizar: Maria Firmina dos Reis e a escrita feita por mulheres no Maranhão”, Régia Agostinho da Silva traz um estudo detalhado sobre Firmina e aponta que ela foi a autora “da letra do hino de libertação dos escravos no Maranhão” (SILVA, 2011, p. 12), a responsável por criar a primeira escola mista do estado e que como escritora se destaca por ter produzido diferentes gêneros literários, como o romance *Úrsula*, os contos “A escrava” e “Gupeva” e poemas que foram publicados no livro *Cantos à beira-mar*, que fogem da literatura de perfumaria criada pela maioria das mulheres até aquele momento (SILVA, 2011).

Antes dela outras mulheres publicaram como, por exemplo, Nísia Floresta Brasileira Augusta, que publicou o romance *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*, em 1832. Porém, Silva aponta que esse texto seria apenas uma “tradução livre do livro de Mary Wollstonecraft, escritora inglesa que, em 1792, publicou *A vindication of the rights of woman* [Reivindicação dos direitos da mulher], no qual defendia, para as meninas, educação igual àquela a que os meninos tinham acesso” (SILVA, 2011, p. 13). Houve também Teresa Margarida da Silva e Orta, que publicou *Aventuras de Diófanos*, em 1752; porém a crítica não o considera um romance brasileiro, pois nada tem a ver com a realidade nacional.

Ao publicar, Maria Firmina dos Reis, sabia da dificuldade que enfrentaria, pois reconhecia que a sociedade brasileira não valorizava a literatura produzida por mulheres. No seu romance, a autora escreve o prefácio, reconhecendo o lugar que era reservado à mulher na literatura nacional, como aponta Silva:

[...] Maria Firmina tinha clareza de que o lugar que ela tentava ocupar no mundo das letras era de difícil acesso para as mulheres. Pede desculpas, reconhece que, por ser mulher, sua tarefa era mais árdua, porque teria de enfrentar muitos obstáculos. Afinal, contrariando a morfologia do termo, no século XIX, a palavra era masculina, o que ficava para as mulheres era o silêncio (SILVA, 2011, p. 13).

A literatura de Maria Firmina dos Reis não teve sua importância reconhecida no século XIX e nem no início do século XX. Na realidade, sua obra só foi recuperada em 1962 por Horácio de Almeida, numa casa de livros usados do Rio de Janeiro e republicado o romance *Úrsula* e do livro *Maria Firmina: fragmentos de uma vida*, por José Nascimento Moraes Filho em 1975 (SILVA, 2011). Somente a partir desse momento, a crítica literária teve acesso ao romance *Úrsula*, que é considerado o primeiro romance abolicionista da literatura brasileira. Esse fato nos leva a crer que por muitos anos a mulher ficou impossibilitada de fazer parte da Literatura Brasileira, pois mesmo Firmina tendo ultrapassado barreiras, ao conseguir publicar um romance e diversos textos em jornais, por muito tempo não teve espaço no cânone da literatura nacional. Para Regina Delcastagnè, até o fim do século XX, vivemos um momento “em que as mulheres permaneciam nas margens” e que “nos condicionaram a pensar que a voz dos homens não tem gênero e por isso existiam duas categorias, a ‘literatura’, sem adjetivos, e a

'literatura feminina', presa a seu gueto" (DALCASTAGNÈ, 2005, p. 51). Tomamos ainda as palavras de Djamila Ribeiro, que aponta:

Necessariamente, as narrativas daquelas que foram forçadas ao lugar do *Outro*, serão narrativas que visam trazer conflitos necessários para a mudança. O não ouvir é a tendência a permanecer num lugar cômodo e confortável daquele que se intitula poder falar sobre os *Outros*, enquanto esses *Outros* permanecem silenciados. (RIBEIRO, 2017, p. 78).

Em *Um território contestado: literatura contemporânea e as novas vozes sociais*, publicado em 2012, Regina Dalcastagnè (2012) versa sobre as limitações impostas às minorias dentro da literatura. Essas questões são levantadas a fim de denunciar as hierarquias, que, apesar de discretas, são amplamente violentas. Para a autora "[...] além de estilos ou escolhas repertoriais, o que está em jogo é a possibilidade de dizer sobre si e sobre o mundo, de se fazer visível dentro dele. [...] e de poder, o poder de falar com legitimidade ou de legitimar aquele que fala" (DALCASTAGNÈ 2012, p. 13). Pois, "todo espaço é um espaço em disputa, seja ele inscrito no mapa social, ou constituído numa narrativa" (DALCASTAGNÈ 2012, p. 13). Dessa forma, os que não aceitam o emudecer que é imposto avançam com suas produções, despertando "tensões e conflitos". Por isso é importante refletir sobre quais caminhos a literatura brasileira contemporânea deve percorrer.

A autora aponta dois problemas que evocam urgência na discussão: o primeiro seria a dificuldade de ser reconhecido como escritor dentro da literatura brasileira e o segundo seria a dificuldade de escrever academicamente sobre esses autores marginalizados mesmo após já terem publicado livros físicos ou em versões online, pois esses lugares estão reservados para determinada classe, cor e sexo.

Os dois problemas apontados pela crítica são observados com a obra de Maria Firmina dos Reis, que demorou quase um século para ter visibilidade. Mesmo tendo sido encontrado em 1962, e em seguida publicado, apenas após os anos 2000 o romance *Úrsula* passa a ter visibilidade acadêmica, com um volume significativo no repositório da CAPES de dissertações e teses, que o utilizam como corpus ficcional.

Vejamos as palavras de Dalcastagnè acerca das relações de gênero e raça no tocante ao contexto da produção escrita:

[...] em todos os principais prêmios literários brasileiros (Portugal Telecom, Jabuti, Machado de Assis, São Paulo de Literatura, Passo Fundo Zaffari & Bourbon), entre os anos de 2006 e 2011, foram premiados 29 autores homens e apenas uma mulher (na categoria estreadante, do Prêmio São Paulo de Literatura). Outra pesquisa, mais extensa, coordenada por mim na Universidade de Brasília, mostra que de todos os romances publicados pelas principais editoras brasileiras, em um período de 15 anos (de 1990 a 2004), 120 em 165 autores eram homens, ou seja, 72,7%. Mais gritante ainda é a homogeneidade racial: 93,9% dos autores são brancos.

Mais de 60% deles vivem no Rio de Janeiro e em São Paulo. Quase todos estão em profissões que abarcam espaços já privilegiados de produção de discurso: os meios jornalístico e acadêmico. (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 14).

A consequência disso, para Dalcastagnè, seria o sentimento de não aceitação por parte dos consumidores de literatura, que, por sua vez, não estão acostumados a ver pessoas consideradas pela sociedade como inferiores em posições de destaque.

Se, como aponta Dalcastagnè, no século XXI a literatura escrita por mulheres ainda permanece à margem, podemos evidenciar que a situação da mulher negra no século XIX seria ainda mais complexa. Torna-se inegável a importância de se ter uma mulher escrevendo e publicando naquele momento, e faz-se ainda mais relevante ao pensarmos que se tratava de uma mulher negra escrevendo sobre esse tema em 1859, momento em que a escravidão ainda estava em pleno vigor no país e se fazia ainda mais implacável no estado do Maranhão, considerado por muitos como um dos sistemas mais violentos do Brasil. Com esse romance, Firmina foi pioneira por tratar o negro escravizado com uma humanização nunca vista antes na literatura nacional.

Esse fato pode ser notado em seu romance em vários trechos em que exalta a liberdade. Como quando a personagem Túlio enfatiza a liberdade da mente e a impossibilidade de escravizá-la:

Oh! A mente! Isso sim ninguém pode escravizar! Nas asas do pensamento o homem remonta-se aos ardentes sertões da África, vê os areais sem fim da pátria e procura abrigar-se debaixo daquelas árvores sombrias do oásis, quando o sol requeima e o vento sopra quente e abrasador: vê a tamareira benéfica junto à fonte, que lhe amacia a garganta ressequida: vê a cabana do pai onde nascera, e onde livre vivera! (REIS, 1988, p. 38).

Ou quando Mãe Susana chora e lamenta a situação de cativa:

– Sim, para que estas lágrimas?!...Dizes bem! Elas são inúteis, meu Deus; mas é um tributo de saudade, que não posso deixar de render a quem me foi caro! [...] Tranquila no seio da felicidade, via despontar o sol rutilante e ardente do meu país. Ah, Túlio, tudo me obrigaram os bárbaros a deixar! oh! tudo, até a própria liberdade (REIS, 1988, p. 115).

– E logo dois homens apareceram, e amarraram-me com cordas. Era uma prisioneira - era uma escrava! Foi em balde que supliquei em nome de minha filha, que me restituíssem a liberdade: os bárbaros sorriam-se de minhas lágrimas, e olhavam-me sem compaixão... Julguei enlouquecer, julguei morrer, mas não me foi possível... (REIS, 1988, p. 117).

Na narrativa o discurso literário e o discurso histórico se entrecruzam. A autora apresenta a valorização da liberdade individual em um momento em que o país ainda enfrentava a escravidão. Essa denúncia é feita de um modo delicado, pois além de se tratar de uma mulher publicando, considerando que naquele momento só os homens brancos tinham direito a esse espaço, foi a primeira a tratar esse tema dando voz ao negro escravizado. Suas personagens são apresentadas com uma forte consciência de sua condição e com seus relatos trazem ao conhecimento do leitor os bons momentos vividos na África que antecederam o cativeiro. Dessa forma, deixa claro que antes da barbárie os tempos eram felizes e tranquilos na terra de que foram cruelmente arrancados.

O conto “A escrava”, publicado em 1887, traz a crítica à escravidão de uma forma mais potente. Os movimentos abolicionistas estavam a cada dia ganhando mais força, já que em 13 de maio de 1888 a Lei áurea seria assinada pela Princesa Isabel. Com esse conto, a autora, além de falar sobre o assunto que estava em voga no momento sócio histórico, a abolição da escravidão, consegue dar à mulher um lugar em que poucos autores a colocaram.

O discurso traz uma consistente argumentação em favor da abolição da escravatura, mostrando a vergonha de ainda se utilizar aquele tipo de trabalho no país. Para dar credibilidade à fala, a autora lança mão da voz de uma senhora branca abastada, colocando em destaque a situação de decadência econômica vivida, atribuindo-a à escravidão. Revela também o problema da nacionalidade e a mistura de raças, que foi extremamente temida na época.

Nunca a meu pai passou pela ideia, que aquela suposta carta de liberdade era uma fraude: nunca deu a ler a ninguém; mas minha mãe à vista do rigor de semelhante ordem, tomou o papel, e deu-o a ler, àquele que me dava lições. Ah! Eram umas quatro palavras sem nexos, sem nenhuma assinatura, sem data! Eu também a li, quando caiu das mãos do mulato. Minha pobre mãe deu um grito, e caiu estrebuchando. (REIS, 2004, p. 254).

Na narrativa, a importância da liberdade que foi arrancada da escrava em sua infância é colocada no eixo central da narrativa. Após esse momento também é retirado dela o direito de criar os filhos:

Um homem apeou-se à porta do Engenho, onde juntos trabalhavam meus pobres filhos – era um traficante de carne humana. Ente abjeto, e sem coração! Homem a quem as lágrimas de uma mãe não podiam comover, nem comovem os soluços do inocente. Esse homem trocou ligeiras palavras com o meu senhor, e saiu. Eu tinha o coração oprimido, pressentia uma nova desgraça. (REIS, 2004, p. 256).

Ao ter os filhos vendidos para um traficante de escravos, Joana perde a lucidez. No relato da personagem é possível perceber a dor de uma mãe que não teria a possibilidade de estar com seus filhos. É interessante notar, também, que o

escravizado que tentava fugir de seu cativeiro era considerado louco. Joana morre ao contar suas memórias para a senhora.

Em sua obra poética, destacamos o poema “O meu desejo”, do livro *Cantos à beira-mar* publicado postumamente em 1976. Nele o eu lírico traz um jovem poeta guimaraense e o exorta a escutar a voz que vem do céu e a cantar acompanhado com o alaúde que Deus lhe enviou. Convida-o a louvar com amor sua mãe, seu pai, suas irmãs, mas acima de tudo a liberdade.

[...]
 E a liberdade, — oh! poeta, — canta,
 Que fora o mundo a continuar nas trevas?
 Sem ela as letras não teriam vida,
 menos seriam que no chão as relvas:
 Toma por timbre liberdade, e glória,
 Teu nome um dia viverá na história.
 [...]
 Canta do exílio com melífluo acento,
 Como Davi a recordar saudade;
 Embora ao riso se misture o pranto;
 Embora gemas em cruel soidade...
 Canta, poeta, — teu cantar assim,
 Há de ser belo enlevador enfim.
 [...]
 Canta, poeta, a liberdade, — canta.
 Que fora o mundo sem fanal tão grato...
 Anjo baixado da celeste altura,
 Que espanca as trevas deste mundo ingrato.
 Oh! sim, poeta, liberdade, e glória
 Toma por timbre, e viverás na história.
 [...]
 Eu não te ordeno, te peço,
 Não é querer, é desejo;
 São estes meus votos — sim.
 Nem outra cousa eu almejo.
 E que mais posso eu querer?
 Ver-te Camões, Dante ou Milton,
 Ver-te poeta — e morrer.
 (REIS, 2017).

Ao longo dos versos, o jovem poeta é convocado a fazer seus poemas, mesmo longe de sua casa, cantar suas dores como forma de libertação e desprendimento. O eu lírico o compara a Davi que cantou vários salmos ao seu Deus. São evidências de tristeza e sofrimento vividos pelo escravo que mesmo no cativeiro precisaria se alegrar para que um dia sua canção fosse escutada. Mostra que com a poesia elevada nunca morrerá e viverá na história com liberdade e glória. E finaliza exaltando Camões, Dante e Milton e a poesia.

1.2 Gabriela Mistral

Gabriela Mistral, pseudônimo adotado por Lucila Godoy Alcayaga, mestiça, de origem humilde, nasceu e foi criada num povoado simples chamado Vicuña, principal cidade do Vale de Elquí, Chile, no ano de 1889. Teve uma infância pobre, cheia de privações, sua educação escolar não se deu de modo formal. Como Gabriela não teve uma experiência positiva ao frequentar a escola, sua irmã, que era professora, cuidou de sua formação intelectual e, no decorrer de sua vida, de maneira autodidata, a jovem foi enveredando no mundo das Letras, contribuindo em impressos regionais, o que possibilitou certo reconhecimento e condição necessária para assumir a função de professora rural, em seguida, trabalhar como diretora de liceus, atuar como diplomata em vários países – foi Cônsul no Brasil – e chegar a ser Nobel de Literatura.

Embora o acesso à literatura, na América Latina, no início do século XX, estivesse restrito à elite, a escritora provinciana que passou grande parte de sua vida distante de sua terra natal, conseguiu destacar-se no mundo letrado, através de seus escritos poéticos, que versavam sobre sociedade, família, religião, política, educação, história, entre outros, os quais revelavam um poder intelectual feminino e suas inquietações humanas, que perduraram toda sua vida. Com o reconhecimento poético, a partir de 1945, Gabriela Mistral teve sua obra apreciada mundialmente, sendo entre os escritores latino-americanos a primeira a ganhar o Prêmio Nobel de Literatura, não só pela beleza estilística de seus versos, mas também pelo pensamento crítico acerca das vivências opressivas sofridas pelos povos do meio rural chileno e pela submissão das mulheres numa sociedade machista e conservadora que se apresentava na América Latina de sua época.

Muitos fatores contribuíram para a formação da criticidade e autonomia de pensamento de Gabriela: a sua origem humilde, o contexto social em que estava inserida, a escassez de recursos de sua família, as dificuldades para sobreviver e até a impossibilidade do acesso a uma educação formal. É possível imaginar que o posicionamento crítico de Gabriela tenha sido construído a partir da reflexão sobre os valores que a cercavam, o mundo e seus acontecimentos e sobre as vivências opressivas que presenciava em seu entorno, o que a teria levado a desenvolver uma postura de identificação com a realidade social. Através de seus escritos poéticos, solidarizava-se com seu povo e dava visibilidade aos anseios da classe marginalizada, na tentativa de quebrar preconceitos e injustiças.

Com isso, sua atitude se diferenciava dos costumes femininos da época, uma vez que na província do norte do Chile, no início do século XX, predominava a tradição patriarcal e se demarcavam os diferentes papéis exercidos pelos homens e mulheres, como ressalta a escritora Gladys Rodríguez Valdés:

Pensemos un momento en la provincia nortina chilena de aquellos años. [...] Las señoritas hacen confituras de papaya mientras los hombres beben a sorbos el pisco de Elqui, fragante a uva. [...] Las mujeres del estrato al cual Lucila pertenece no son dueñas de su vida. Las decisiones corren por cuenta de los varones; muy pocas se alzan contra esta circunstancia; las mujeres buenas obedecen y callan; las 'mujeres diabras' se pasean con desenfado y labios pintados; los hombres las miran y van con ellas a beber y a bailar; las 'señoritas decentes' se quedan en casa y por las tardes asoman su afiebrado cuerpo para ver al *pololo*. [...] La mano de la mujer fue hecha para deshilar manteles, preparar dulce de higo y

cultivar claveles. Eso y las lecturas de novelones fáciles que no atenten contra 'las buenas costumbres'. (RODRIGUEZ VALDÉS, 1990, p. 10).¹

O meio social demarcava as condições de vida das mulheres que estavam sujeitas às imposições machistas e autoritárias da época, no entanto, Gabriela Mistral se recusava a ocupar-se com afazeres domésticos e manuais e a aceitar as determinações impostas pela organização social, preferindo recorrer às produções de versos em cujos temas manifestava sua indignação diante da passividade das mulheres e a conformação dos grupos discriminados perante a sociedade capitalista chilena.

A primeira vez que a poetisa utiliza o pseudônimo Gabriela Mistral, apropriando-se dele a partir de então para suas produções literárias, se dá em 1914, ao participar de um concurso literário intitulado *Juegos Florales*, no qual recebe como prêmio a *Flor de Oro*, com os versos de “Los Sonetos de la Muerte”, publicados posteriormente em seu primeiro livro intitulado *Desolación* (1922). Com o reconhecimento poético a partir do prêmio do concurso, Gabriela entra para o clube dos pensadores literários, pertencente a uma geração que considerava importante decifrar o país, sua colaboração em jornais e revistas do Chile e da América Latina foi muito solicitada e o nome da poeta ressoava por toda América e Europa.

Em uma perspectiva histórico-literária, no mundo das letras hispano-americanas, o movimento modernista é considerado por Bella Jozef “como primeiro movimento estético originado na América, como signo de seu desenraizamento espiritual que surgiu como uma tendência intelectual e cultural” (JOZEF, 1982, p. 118).

Nas últimas décadas do século XIX, a literatura modernista incorpora uma nova sensibilidade no momento em que se dá o fortalecimento do indivíduo e do privado. Do ponto de vista cultural, muitos aspectos estavam adquirindo novas formas, desde a vida cotidiana, a retórica, até a produção estética. Como assinala Bella Jozef:

O Modernismo caracterizou-se pela pluralidade de traços estilísticos, numa relação de ambiguidade com sua época, quando o artista se sente alienado ante uma cultura burguesa que o converte em instrumento. [...] Multiplicam-se modos diferentes de encarar a realidade, sem deixar de lado as conquistas literárias de séculos anteriores, com inteira liberdade ao escritor para escolher os caminhos que melhor se adaptassem à sua ânsia de expressão. (JOZEF, 1982, p. 119).

Pode-se dizer que esta nova sensibilidade se dá no momento em que a produção cultural começa a diferenciar o mundo da estética com o mundo da experiência e, em decorrência disso, o estético passa a abarcar um vasto campo de significação, tornando visível a heterogeneidade do discurso. Bella Jozef definiu o modo de expansão da corrente modernista como produto da união de tradição e modernidade, como forma de impulsionar a criação estética da América Hispânica:

A estética modernista inspirou-se na romântica quando propugnava pela liberdade de inspiração, e inicialmente foi o único traço comum aos diversos escritores. O Romantismo perdura em muitos aspectos: a sensibilidade, o sentimento de dor cósmica, o isolamento contemplativo, o irracionalismo, o individualismo, a paixão pela morte, a religiosidade e sua postura antropológica. Mas o pessimismo transcendental e a sensibilidade mórbida que invadem o Modernismo afastam-se do cotidiano, através de uma idealização – não sentimental, como a dos românticos –, mas sensorial. (JOZEF, 1982, p. 120).

O Modernismo, no contexto cultural em que produz seus textos, abarca um conjunto de novas práticas e experiência que servem como norteadores para a criação literária, o que possibilita a diversificação dos discursos poéticos nos países hispano-americanos. Em meio a essa nova experiência literária, vários escritores protagonizaram a corrente estética modernista na América Hispânica. Dentre estes escritores figura Gabriela Mistral, que, embora tenha começado a escrever muito cedo, só alcançou o reconhecimento de sua produção poética a partir do Pós-Modernismo, como bem observa Bella Jozef, a qual identifica a figura da poetisa “como detentora de uma simplicidade expressiva” e complementa:

Sua terra foi presença permanente em uma ausência de anos inacabados em que reviveu suas coisas, colheitas e gente, penúrias e ternura. O que procura na natureza é uma correspondência com a própria vida, com o que esta foi desde que começou a formar-se. Esse entendimento da natureza revela-se um novo surgir das coisas; os cerros não ficam confinados em sua materialidade muda e estática. Ao vê-los entende que são puro impulso para o alto, válido unicamente mercê da sua participação, um modo de ver e adivinhar ao mesmo tempo. As imagens e comparações de quase toda a sua poesia contêm, ao mesmo tempo, ‘vultos próximos de paisagem ou de fato’ e uns ecos, como sucessões desses vultos em que o próximo se faz surpreendentemente remoto, em movimento espacial ao mesmo tempo deslizante para o passado. O presente de sua vida está em contínua comunicação e fluência com corpus e lugares de outras distâncias. (JOZEF, 1982, p. 150).

Essas breves observações sobre a expressividade mistralina sevem para reafirmar a identidade da poesia de Gabriela Mistral e sua força compositiva, na busca de exprimir sua emoção pessoal diante de um cenário social que sofre constantes mudanças. Por meio de seu lirismo reflexivo, revela a consciência histórica e geográfica que acompanha a poetisa no processo de construção de seus textos, numa época em que as mulheres não possuíam o reconhecimento pelos seus valores intelectuais e com isso, conquista o espaço literário, defendendo seus ideais e as causas sociais.

No universo da crítica literária chilena, o professor Jaime Quezada (1994), estudioso da obra da poeta, refere-se a ela como uma pessoa possuidora de “uma

valente identidade social e de um visionário compromisso com as realidades contingentes” (QUEZADA, 1994), para o crítico, a obra mistralina possui uma dinâmica que caracteriza sua composição poética como polissêmica e representativa do homem na sociedade, possibilitando, assim uma multiplicidade de interpretações. E isto se dá, segundo o autor, por duas razões, em especial:

No sólo autora de una obra poética fundamental y trascendente en la literatura chilena e hispanoamericana del siglo veinte, sino que a la par, también, una mujer-ciudadana en su tiempo y ahora y en provenir. Se diría, conciencia viva de una época que resume en sus recados y ensayos el ritmo vital de Chile, la faena de una América y la visión del mundo. (QUEZADA, 1994, p. 7).

Ao colocar-se como crítica e questionadora das situações políticas e sociais de sua América Latina, Gabriela Mistral dá visibilidade às comunidades camponesas e indígenas do Chile, denunciando as condições precárias de subsistência desse povo. No bojo dessas ideias, escolhemos para analisar o poema “Valle de Elquí”, que faz parte da coletânea de 77 romances, cujo título é *Poema de Chile*, obra póstuma, publicada em 1967, o livro está estruturado no regresso da poeta, em forma de espírito, a sua pátria.

A relação que existe entre um poema e o marco histórico-social é relevante na análise de seu conteúdo, o qual transcende a expressão de emoções e experiências pessoais. Em linhas gerais se refere à forma particular de ser e de expressar-se de um povo ou sociedade, como resultado dos componentes culturais de seu passado, considerando-se herdeiro e integrado em tempo e espaço.

No início do poema, ao descer de uma montanha localizada ao Norte do Chile o eu lírico se encontra com um menino indígena e um huemul, animal característico da fauna chilena que figura no Escudo Nacional, sinônimo de ternura e fragilidade, especialmente para a poetisa. Transformada em guia do local, o eu lírico dá início a sua longa peregrinação a pé, junto com seus dois acompanhantes, ensinando os nomes dos animais, aves, plantas, árvores e flores - nada escapa a sua visão panorâmica. Seus interlocutores aprendem, interrogam e o diálogo segue de maneira informal sem se perder o caráter narrativo da obra. Ao longo do poema a beleza e a poesia estão presentes na paisagem, composta por figuras relativas ao espaço do Vale, possibilitando a percepção do ambiente. Simula-se, pois, ao longo do texto, que o eu poético vivencia, no presente, um momento de plenitude:

Tengo de llegar al Valle
que su flor guarda el almendro
y cría los higuerales
que azulan higos extremos,
para ambular a la tarde
con mis vivos y mis muertos. (MISTRAL, 1967, p.45).

Seguindo sua viagem, o eu lírico inicia o poema rumo ao Vale de Elqui, ao encontro de belezas da flora andina, composta por amendoeiras, figueiras carregadas de frutos que dão a aparência de um extremo azul, seu desejo é

encontrar seus entes queridos, vivos e mortos. Os relatos sobre a paisagem continuam referindo-se a uma notável lagoa que ameniza o solo seco do Vale, como se fosse um consolo na época em que diminui o volume do rio, umedecendo suas margens sedentas.

Pende sobre el Valle, que arde,
 una laguna de ensueño
 que lo bautiza y refresca
 de un eterno refrigerio
 cuando el río de Elqui merma
 blanqueando el ijar sediento. (p.45).

O poema é explanação pedagógica do espaço geográfico, histórico e social do vale chileno e a aprendizagem se dá através do caminhar pela terra, tocando e observando cada planta, cada árvores, amando a natureza e as pessoas humildes do local. Quezada (1994) define o *Poema de Chile* como uma narrativa que vem testemunhar a surpreendente a relação que Gabriela teve com o real e o autêntico, o humano e o geográfico, o índio mestiço e o cotidiano da terra chilena, assumindo um compromisso com seu país através da educação e da conscientização, veiculadas por meio dessa viagem de aventura e experiência empreendida por um sujeito feminino, um menino e um animal.

Nas estrofes seguintes, o eu lírico revela seu desejo em relação aos moradores da região: gostaria de ver todos reunidos, independentemente das diferenças, ligados por laços consanguíneos ou matrimoniais, que cada um pudesse compartilhar suas crenças, alegrias, saudades, buscando a sintonia de pensamento, desde os mais jovens com toda energia e sede de saber aos mais velhos, detentores de uma bagagem de conhecimento que com doçura transmitem à nova geração, fazendo com que essa união se propague, serpenteando por todas as curvas do Vale, mobilizando todo povoado:

Pasan, del primero al último,
 las alegrías, los duelos,
 el mosto de los muchachos,
 la lenta miel de los viejos;
 pasan, en fuego, el fervor,
 la congoja y el jadeo,
 y más, y más: pasa el Valle
 a curvas de viboreo,
 de Peralillo a La Unión,
 vario y uno y entero.
 [...]
 A cada vez que los hallo,
 más rendidos los encuentro.
 Sólo les traigo la lengua
 y los gestos que me dieron
 y, abierto el pecho, les doy
 la esperanza que no tengo. (p.46).

Nesses versos, fica evidente sua preocupação com a desigualdade das classes sociais e a busca por uma mudança de atitude da sociedade, evidenciando a precariedade do local e daqueles que ali habitavam. O estado de ânimo dos moradores do vale é cada vez que mais desolador, como se tivessem perdido a força para lutar, e nesse momento, a única coisa que o eu lírico tem a oferecer são palavras de consolo, os gestos que aprendeu com seus irmãos pátrios e uma esperança falsa, pois, na verdade não sente perspectiva de melhora na vida daquele povo humilde, que sofre com as desigualdades e o preconceito. Em seguida, o eu lírico demonstra sentir-se prisioneiro de sua paisagem natal:

Mi infancia aquí mana leche
 de cada rama que quiebro
 y de mi cara se acuerdan
 salvia con el romero
 y vuelven sus ojos dulces
 como con entendimiento
 y yo me duermo embriagada
 en sus nudos y entreveros. (p.47).

Todas as lembranças de sua infância estão presentes em cada caminho que percorre cercado de plantas, entre elas sálvias e alecrim, ervas aromáticas e medicinais muito usadas na cura de enfermidades. Assim, nesse ambiente acolhedor, adormece tomada por uma sensação de êxtase, entre os ramos retorcidos dos arbustos, como se toda sua reflexão estivesse misturada a um cenário idealizado e, ao mesmo tempo, o verdadeiro ambiente, ao mesmo tempo em que nos é revelada toda sua vivência em uma região marcada pela pobreza e sofrimento de um povo.

Nas estrofes finais, é iniciada a partida do eu lírico, convencida de que é difícil retomar a infância porque já está velha, com cabelos brancos. - Não que as montanhas lamentem sua aparência, mas, preferem guardar toda imagem da paisagem andina sem demonstrar a dor da despedida, - e, mesmo que tentem convencê-la a ficar, vai seguir pelo caminho por onde passam os humildes trabalhadores que cuidam do rebanho da região:

Ahora ya me voy, hurtando
 el rostro, por que no sepan
 y me echen los cerros ojos
 grises de resentimiento.
 Me voy, montaña adelante,
 por donde van mis arrieros,
 aunque espinos y algarrobos
 me atajan con llamamientos,
 aguzando las espinas
 o atravesándome el leño. (p.48).

A impressão que se tem do espaço geográfico e de sua comunidade é, portanto, o resultado do efeito de sentido produzido pelo uso de diferentes elementos e de recursos que fazem com que o leitor constate a verossimilhança

nos versos do poema. Gabriela Mistral nos conduz a um caminho de desprendimento das formas, transferindo para o discurso literário a realidade cotidiana a partir de sua percepção do real, usando a palavra como instrumento de reflexão.

Considerações finais

Maria Firmina dos Reis e Gabriela Mistral são exemplo de mulheres que não cederam ao patriarcalismo e ao racismo presentes na sociedade da época pois, mesmo tendo vivido no final do século XIX e início do século XX, derrubaram as barreiras que submetiam as mulheres, forçando-as a permanecer silenciadas. Dessa forma, o lugar de fala foi utilizado pelas autoras para “refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social” (RIBEIRO, 2017, p. 64).

Maria Firmina dos Reis tornou-se a primeira romancista a tratar de temas abolicionistas na literatura brasileira, fato relevante, mesmo que tenha sido reconhecida apenas postumamente. Produziu não só romance, como também, contos e poemas, publicados em diversos jornais de sua época. O conjunto das suas obras, brevemente analisadas, demonstra o descontentamento de viver em uma nação em que a liberdade era negada ao negro, às classes desfavorecidas e à mulher, mesmo tendo em seu projeto de construção do nacionalismo os ideais de igualdade, liberdade e fraternidade. A autora busca, por meio da literatura, uma forma de expressar seu ponto de vista e indagar não apenas sua marginalização, mas também a de todo povo negro, que foi sequestrado de sua terra natal. Seu lugar de fala é o de uma mulher afrodescendente, que vive em uma periferia e é deste lugar que ela produz sua literatura e enfrenta todas as barreiras do preconceito, além de expor a prática da escravidão no país, mostra que o negro escravizado é um ser humano e o representa como um ser que tem consciência, memória e o desejo de liberdade. Foge, desse modo, da representação de um escravo animalizado, argumentando a favor de se modificarem as relações de gênero e raça.

Gabriela Mistral foi agraciada, com o Nobel de Literatura de 1945, tornando-se a primeira escritora da América Latina a ganhar tal prêmio. Revela-nos seu universo poético e a postura que assume diante das questões sociais de seu país, sentindo-se responsável e presente na luta pela justiça e igualdade de direitos. Embora tenha deixado a pátria para assumir compromissos educacionais e protocolares, as andanças pelo mundo não a fizeram esquecer suas raízes e a terra natal. As preocupações e o interesse pelas questões sociais do Chile sempre a motivaram a escrever. A imagem das pessoas queridas figurava nos poemas de Gabriela como uma forma de resgatar os momentos vividos, tudo referente a sua pátria natal e seu povo marginalizado alimentava sua alma e lhe inspirava a escritura. Em uma linguagem simples e despojada, a autora nos conduz por um caminho de desprendimento das formas, transferindo para o discurso literário a realidade cotidiana a partir de sua percepção do real, sem pretensão de modificá-lo. Usando a palavra como instrumento de reflexão, Mistral dedicou sua vida à produção escrita e, em alguns períodos, ao labor educacional, por meio disso, conseguiu abstrair do pequeno mundo provinciano a razão que a impulsionava a

escrever, o que resultou no reconhecimento do valor literário de seus escritos e na conquista do Prêmio Nobel de Literatura.

Espera-se que essa breve incursão pelas obras dessas distintas escritoras tenha permitido nos aproximarmos de suas personalidades críticas e de suas percepções acerca da realidade sócio-política sob a qual se inscreveram na história da América Latina, assim como se almeja que este estudo tenha o caráter de incitar os leitores a uma discussão que os motive a novas leituras das obras literárias de Maria Firmina dos Reis e Gabriela Mistral.

Notas

¹ Pensemos um momento na província do norte chileno daqueles anos. [...] As senhoritas fazem geleias de mamão enquanto os homens bebem gulosamente o pisco de Elqui, de uva perfumada. [...] As mulheres da camada à qual Lucila pertence não são donas de sua vida. As decisões são tomadas pelos homens; poucas se levantam contra essa circunstância; boas mulheres obedecem e ficam caladas; 'Demônios femininos' andam com audácia e lábios pintados; os homens olham para elas e as levam para beber e dançar; as "senhoritas decentes" ficam em casa e à tarde assomam com seu corpo febril para ver o namorado. [...] A mão da mulher foi feita para bordar toalhas de mesa, preparar doces de figo e cultivar cravos. Isso e as leituras de romances fáceis que não ameacem os 'bons costumes' (RODRIGUEZ VALDÉS, 1990, p. 10, tradução nossa)

Referências

DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. *Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 26, p. 13-71, jul./dez. 2005.

_____. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: Horizonte; Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2012

JOZEF, Bella. *A máscara e o enigma*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora S.A., 1986.

_____. *História da Literatura Hispano-Americana*. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora S.A., 1982.

LOBO, Luiza. *A literatura de autoria feminina na América Latina*. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/190153887/A-Literatura-de-Autoria-Feminina-Na-America-Latina> acesso em: 03 de dez. 2018.

MISTRAL, Gabriela. *Desolación*. 2.ed. Santiago de Chile: Editorial Andrés Bello, 1979.

_____. *Poesia y prosa*. Selección y notas de Floridor Pérez. Santiago de Chile: pehuén Editorial Andina S.A., 1984.

_____. *Poema de Chile*. Santiago de Chile: Editorial Pomaire, 1967. Disponível em: <http://www.memoriachilena.gob.cl/archivos2/pdfs/MC0003261.pdf> acesso em: 11 de fev. 2019.

QUEZADA, Jaime. *Gabriela Mistral Escritos Políticos*. Santiago de Chile: Fondo de Cultura Económica, 1994.

REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. Organização, atualização e notas por Luiza Lobo; Introdução de Charles Martin. Rio de Janeiro: Presença; Brasília: INL, 1988.

_____. *Úrsula; A Escrava*. Florianópolis: Ed. Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas, 2004.

_____. *Cantos à beira-mar e Gupeva*. São Luís: Academia Ludovicense de Letras, 2017.

RIBEIRO, Djamilia. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento Justificando, 2017.

SILVA, Régia Agostinho da. A mente, essa ninguém pode escravizar: Maria Firmina dos Reis e a escrita feita por mulheres no Maranhão. *Revista Leitura: teoria e prática*, São Paulo, Volume 29, nº 56, p.11-19, 2011.

VALDÉS, Gladys Rodríguez. *Invitación a Gabriela Mistral (1889-19891)*. México: Fondo de Cultura Económica, 1990.

Para citar este artigo

LOPES, Michelly Cristina Alves; SODRÉ, Patrícia Rosicleia da Silva; CASER, Maria Mirtis. Vozes femininas da América: a poética social de Gabriela Mistral e Maria Firmina dos Reis. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 8, n. 2, p. 135-152, maio-ago. 2019.

Os autores

Michelly Cristina Alves Lopes é mestranda em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), com bolsa Capes; Especialista em Literatura, cultura e arte pela Faculdade Brasileira; Licenciada em Letras-Português pelo Instituto Federal do Espírito Santo – Ifes. Trabalha com literatura afro-brasileira, feminismo e crítica pós-colonial. Participa do Núcleo de Estudos em Transculturação, Identidade e Reconhecimento (Netir), cadastrado no DGP-CNPq.

Patrícia Rosicleia da Silva Sodré é incluir mestranda em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), Especialista em Estudos Literários pela Ufes e em Gramática e Uso pela Universidade de Taubaté (UNITAU-SP). Licenciada em Português/Espanhol, professora de cargo efetivo de Língua Portuguesa na Secretaria de Estado da Educação do Espírito Santo (SEDU).

Maria Mirtis Caser é graduada em Letras Português Espanhol pela Universidade Federal do Espírito (1972), fez Mestrado em Letras Neolatinas em 1996 e Doutorado em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com estágio sanduíche (Universidade de Santiago de Compostela) em 2008. Fez estágio de Pós-doutorado na Universitá Ca 'Foscari de Veneza em 2015. Atualmente é Professor Titular da Universidade Federal do Espírito Santo. Tem experiência na área de Letras, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura hispânica, narrativa, língua espanhola, ficção, tradução e ensino de língua.